

Relações entre religião, cultura e identidades

Leniara Pellegrinello Camargo

SANCHIS, Pierre. *Religião, cultura e identidades: matrizes e matizes*. Organização de Mauro Passos e Léa Freitas Perez. Petrópolis: Vozes, 2018. 443 p.

O livro *Religião, cultura e identidades: matrizes e matizes*, de Pierre Sanchis, apresenta diversos textos de diferentes momentos de sua trajetória, organizados didaticamente para repensar conceitos e contextos em constante transição. Eles foram selecionados entre aqueles nos quais a religião estivesse diretamente relacionada com a cultura e com a identidade, buscando matrizes e matizes dessa relação. Em um único livro, vários textos dialogam entre si, de forma primorosa, reforçando conceitos e, em cada um, procurando aprofundar um aspecto dessa complexa relação. Além disso, em muitos deles aparecem exemplos práticos de pesquisas realizadas, com descrição metodológica.

Realmente, a obra de Sanchis pode, à primeira vista, não trazer “nada de novo” aos leitores mais avançados, mas sua escrita permite que leitores iniciantes acompanhem com rigor teórico e clareza o tema central. A ordem dos textos leva o leitor a entender a religião não como algo à parte – abordagem segundo a qual muitos ainda acreditam que a religião não deve ser analisada – mas como cultura, porque forma e define identidades, de modo complexo, de acordo com cada sociedade. O autor consegue analisar o passado das religiões e as modalidades contemporâneas de criação de identidades sociais pela religião. Assim, selecionar esses textos em um livro permitiu preencher uma lacuna de publicação sobre o tema.

A obra se divide em três unidades (pórticos). A Unidade 1 apresenta cinco textos. O primeiro deles reflete sobre a cultura brasileira e a religião, tanto do passado quanto da atualidade. Cultura, para o autor, está sendo utilizada como um conceito que todos os grupos humanos têm, como maneira de encarar a humanidade, e cada

indivíduo aprende a ser com seu grupo, com suas relações e suas comunicações. Cada cultura “escolhe” e carrega de sentidos os elementos da língua, gestos, cores, tempos, distinções, ou seja, o mundo não é apenas material, mas também de representações, um universo simbólico. O conceito de cultura desenvolvido por Sanchis está de acordo com o de mais atual considerado e encontrado nas análises sociológicas acadêmicas.

Todavia, surgem acontecimentos, novas situações e encontros com outras culturas. Assim, cada grupo humano deve reagir, adaptar-se, inovar, mudar, transformar ou conservar. Com o grande contato entre as culturas, os indivíduos passaram a fazer parte de diversos universos ao mesmo tempo e a ter uma pluralidade de pertencas culturais e identitárias. Por outro lado, culturas marcam sua dominação em relação a outras no espaço social, produzindo uma uniformização e gerando a busca por uma pertença.

A religião fornece aos seres sociais uma visão de mundo, tornando-o apreensível. Faz com que os indivíduos sejam impulsionados em suas ações, orientados e qualificados, ou seja, traz um modelo para a vida e um motivo para viver, sendo, assim, parte de sua identidade. Religião é cultura, “pois é ela que organiza essa experiência coletiva: delinea e define um universo simbólico polarizado pela oposição sagrado/profano, instaura em torno desse universo uma comunidade (“Igreja”), celebra-o num conjunto ritual” (p. 24-25).

Existe uma cultura da religiosidade brasileira? O autor estabelece três características, mas alerta que elas não são “do brasileiro” nem permanentes e universais: uma dimensão em que a religião é muito importante ou fundamental; a existência de um povo invisível de protetores, em um universo de relações de origens múltiplas; o sincretismo. Essa última característica, o sincretismo religioso, é entendida como um processo polimorfo e com efeitos variados. O grupo coletivamente constrói homologias de relações entre seu universo e os universos dos “outros” com os quais entra em contato. O catolicismo se fez e se faz presente como catalisador e vetor principal, porém, é reinterpretado, e a identidade católica é fluída em diferentes momentos. Assim, mesmo que alguém não se considere católico ou cristão no Brasil, está permeado desses elementos na sociedade constituída.

No segundo texto, Sanchis retoma o problema teórico do sincretismo e destrincha as duas modalidades do sincretismo católico, em Portugal e no Brasil. O autor adverte que o sincretismo não é a mistura de duas ou mais religiões, mas sim como as sociedades humanas entram em um processo de redefinição de identidades, quando entram em contato com outros sistemas simbólicos. Ou seja, não são apenas as religiões que são sincréticas, mas a cultura como um todo, que decorre de um processo histórico e intimamente relacionado às questões de poder.

O catolicismo foi vivido de formas diferentes nesses países. Em Portugal, ficou enraizado em uma identidade local, unificada e organicamente construída. No Brasil, ocorreu uma ruptura, um desenraizamento com o grupo local e com sua história, com opressões visando a um ideal de futuro, não conseguindo expressar organicamente uma comunidade. Como consequência, o processo brasileiro foi caracterizado por uma coexistência ou rápida sucessão de identidades religiosas

múltiplas. Interessante notar como o autor mostra que, mesmo o catolicismo tendo sua base na Europa e parecendo único, ele se desenvolve de modo diferente em cada país colonizado.

No terceiro texto, Sanchis discute várias análises que podem ser feitas sobre desencantamento e sobre formas contemporâneas do religioso. Algumas delas defendem o desencantamento (uma decadência da religião) e outras um reencantamento do mundo. Porém, o autor destaca que essa análise deve considerar cada local, assim como escolarização, condição de classe e relações entre religião e política.

A religiosidade e a instituição são o tema do quarto texto. As instituições administram o sagrado, ou seja, esquematizam concepções e práticas, porém, vieram de algo anterior, de uma religião primordial. A experiência religiosa das pessoas também pode ser analisada em uma modalidade não institucional, em um jogo de representações, com matizes de dominação e resistência, contaminações ou hibridismo.

A contemporaneidade está em um processo de movimento focado na razão e na individualidade. Nesse cenário, o campo religioso está cada vez menos nas instituições históricas e cada vez mais nas manifestações diversas. Assim, o fenômeno central poderia ser a religiosidade e não “as religiões” em pesquisas, entretanto, esse ainda é um conceito não fechado.

O último texto da Unidade 1 detalha uma pesquisa desenvolvida pelo autor em uma cidade de Portugal como exemplo de um experimento metodológico, sendo interessante para quem realiza investigações sobre o assunto. A partir da problemática local, se uma festa era importante ou não, se era religiosa ou profana, se era adequada àquela fé, o autor chega a algumas conclusões como a de que o estudo quantitativo ajuda a observação participante a situar os resultados obtidos. A análise realizada com esse método permitiu um retrato detalhado daquela população, em que coexistem “diferenças” na “totalidade”.

A Unidade 2 também apresenta cinco textos. O primeiro texto enfatiza a inculturação, ou seja, como, no Brasil, o quadro político atravessa o campo religioso, que sempre foi caracterizado pela diversidade, pelo embate, pela porosidade e pela simbiose de identidades.

Para desenvolver sua reflexão, Sanchis analisa as relações entre o catolicismo e a negritude em Salvador, a partir da polêmica causada pelo uso de temas e instrumentos musicais populares em uma missa, sobretudo na mídia, na década de 1960. Os instrumentos utilizados no candomblé eram vistos como profanos e sensuais. Isso surgiu em um contexto no qual o mundo católico começou a se abrir para trocas com diferentes culturas locais. No entanto, a forte influência da cultura africana em Salvador era vista como “selvagem” e “primitiva”, e a negritude era invisibilizada, como se tivesse “ficado para trás”. Sendo assim, a população negra queria preservar sua identidade e os elementos populares dentro do rito católico. Essa questão atravessa o Brasil até os dias atuais.

Sanchis retoma a ideia de que a prática do sincretismo no Brasil é um tipo de sincretismo *que advém*, aqui entendido como um processo. Todavia, não se trata de

pensar um permanente desdobrar de sincretismos, porque esse *habitus* se confronta com outros, como seu oposto, o da afirmação identitária racional. Ou seja, por um lado, o experimentar de religiosidades e, por outro, a pressão de grupos pela afirmação de uma só crença.

O sincretismo, portanto, é um importante instrumento de análise dos processos sociais, mesmo que os atores sociais não o reconheçam. Os dados que o autor traz mostram como os conceitos de cultura e identidade estão entrelaçados com esses processos sincréticos, de acordo com as vivências de cada pessoa.

O segundo texto analisa o campo religioso brasileiro contemporâneo. O primeiro ponto que as pesquisas mostram é o irreversível declínio da população que se declara católica, o que sinaliza o fim da hegemonia. O segundo ponto é a diversidade, ou seja, a presença de uma aceleração das diferenças e dos cruzamentos, inclusive dentro da própria Igreja Católica com diferentes referências identitárias.

Essa crescente relativização de certezas faz com que precisemos chegar aos indivíduos para encontrar o fenômeno coletivo. Porém, o autor alerta para o terceiro ponto: essa diversidade religiosa não é assim tão nova no Brasil. O País sempre foi plural e contou com a presença marcante de duas matrizes: católica e africana. Em alguns locais também aparece a matriz indígena. As copresenças são existências articuladas. Somado a isso, temos o espiritismo, a umbanda com sincretismo explícito e o surto pentecostal e protestante.

O autor, todavia, não se aprofunda nesses textos sobre a influência do espiritismo e das religiões não ocidentais no Brasil, sendo necessário, já que o mundo todo está cada vez mais acessível pelas tecnologias atuais e isso impactará as futuras análises religiosas.

O terceiro texto faz uma retrospectiva das Ciências Sociais da religião no Brasil. No primeiro momento histórico, aconteceu um efetivo trabalho pastoral e a Ciência Social foi utilizada como instrumento para conhecer a realidade e agir sobre ela. No segundo momento, ocorreu um movimento de autonomia do pensamento em relação às matrizes religiosas.

O terceiro momento retrata o universo das religiões, incorporando as religiões “populares” e as correntes que se articulam ou se opõem às religiões oficiais. O quarto momento enfoca a dimensão política, na qual o fator religioso é fortemente ativo, com sentidos de resistência e libertação. A democratização é a palavra trazida no quinto momento, isto é, a religião importa para as pessoas em função de outros interesses, uma dimensão individual toma corpo. Entra em cena o mundo pentecostal, o mundo carismático, os meios de comunicação e o que se convencionou chamar de secularização.

O sexto momento, que ainda está se vivendo, traz questões como: critério de experiência mais do que verdade, recusa de fixação, desinstitucionalização, trânsito, relativização e fluidez das identidades, hibridismo. Assim, emerge um sétimo momento, que é a resistência das instituições com reavivamento das religiões tradicionais, dos coletivos institucionalmente regulados etc. Esses momentos não são sucessivos e, ao final, o autor ainda faz um indicativo de imaginação para possíveis momentos futuros.

O problema agudo das religiões no mundo contemporâneo é o tema do quarto texto, em que se abordam a categoria “conflito” entre elas e a necessidade de que se aprenda a conviver. Antigamente, as religiões eram somente expressão de um povo e o mundo foi se movimentando para o quadro atual com encaixes e recobrimentos.

O quinto e último texto da Unidade 2 retoma a questão seguinte, de maneira mais aprofundada: o campo religioso seria ainda o campo das religiões? A transformação é universal em um espaço global, mas a relação com o global é específica, ou seja, as religiões articulam as diferenças em cada realidade social. Nesse cenário tão diverso, o papel das instituições religiosas pode ser fundamental para encontrar a paz no crescente questionamento das identidades e também na maleabilidade dessas identidades.

O primeiro texto da Unidade 3 retoma a religião dos brasileiros e se ainda é possível falar em apenas “uma religião”. Portanto, os estudos sobre as religiões no Brasil podem agrupá-las em subcampos ou correntes dinâmicas, que é um país de muitas religiões com dois pilares tradicionais: cristianismo e universo “afro”. O mundo religioso afro-brasileiro também se recria constantemente, não é uma mera cópia e repetição. A cultura religiosa brasileira tem muita influência do espiritismo, que se articulou de forma própria com a umbanda. Outras influências das últimas décadas do século 20 são somente citadas, como: os cultos de origem oriental, o universo da Nova Era, a doutrina do Santo Daime, e a crescente fatia de pessoas que se declaram “sem religião”. Ou seja, um país diverso e complexo para ser analisado.

A diferença entre Portugal e Brasil, e suas influências e metamorfoses, novamente aparece como tema do segundo texto, no qual Sanchis traz suas percepções pessoais sobre os indivíduos desses dois países. O terceiro texto focaliza a procissão, uma manifestação popular religiosa católica. Até hoje se apresenta em diferentes modalidades, sendo um terreno de confluência e de concórdia, entre oficial e popular, hierarquia e povo. Assim, o autor recupera toda a matriz histórica dessa manifestação em forma de caminhada ritual em suas páginas.

Outra questão complexa da realidade religiosa brasileira é a “negritude católica” e a relação entre etnicidade e religião, aprofundada no quarto texto da unidade. Dois casos apresentados ilustram essa relação: a necessidade da reivindicação de uma pertença de etnia e de raça ao lado da identidade religiosa. Essas duas dimensões de identidade são analisadas em dois grupos negros católicos, um na França e um no Brasil. A procura brasileira pela identidade negra recupera a cultura dos ancestrais e os africanos de Paris encontram figuras novas de modelos religiosos, antagônicos às suas religiões tradicionais.

O último texto resume o conceito de sincretismo que o autor defende. Ao longo da história, o Brasil conheceu forças para afirmação de identidades definidas, no catolicismo, nos diversos protestantismos e pentecostalismos; porém, a porosidade das identidades parece vencer. Por um lado, essa porosidade e, por outro lado, uma onda de afirmações identitárias religiosas no momento atual. A hipótese do autor é a convivência das três dimensões – passado, presente e futuro –, com a copresença,

a conservação das diferenças com transformações mútuas, ou seja, uma cultura feita de articulações, com identidades plurais e fluídas.

Por último, os organizadores colocam, fora das unidades, um texto do autor (Travessia) com impressões de sua viagem à Rússia em 1998, uma descrição detalhada de um antropólogo de uma realidade que os brasileiros parecem não conhecer e que não aparece nos jornais.

Nessa busca de matrizes e matizes, Pierre Sanchis repensa conceitos para novas gerações de pesquisadores nesse contexto em transição, dialogando de forma primorosa com a religião, a cultura e as identidades. Com rigor conceitual e riqueza de detalhes, Sanchis nos esclarece sobre os caminhos pelos quais o sincretismo brasileiro se forjou. Assim, é uma leitura obrigatória para todos aqueles que estudam os fenômenos religiosos brasileiros.

Leniara Pellegrinello Camargo, doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação do setor de Educação da Universidade Federal do Paraná (PPGE/UFPR), mestra em Educação pela mesma instituição e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Práticas Escolares, Docência e Cultura (Geppedoc). É profissional do magistério em pedagogia escolar na Secretaria da Educação de Curitiba, estado do Paraná.

leniarap@yahoo.com.br

140

Recebido em 27 de março de 2022

Aprovado em 24 de maio de 2022